

Thaís Cristófaró Silva

Fonética e fonologia do português

ROTEIRO DE ESTUDOS E GUIA DE EXERCÍCIOS

INCLUI CD COM EXERCÍCIOS
E EXEMPLOS DE PRONÚNCIA

EDITORA
CONTEXT0

d. centavo	[sɐ̃'tavv]	/sɛN'tav o/
e. anzol	[ãzɔw]	/ãN'zɔ/
f. anjo	[ãzɔ]	/'ãN zɔ/
g. ângulo	['ãŋgulv]	/'ãN g u l o/
h. gente	['ʒɛ̃tʃɛ]	/'ʒɛN tʃɛ/
i. tinta	['tʃiNtɐ]	/'tʃiN t a/
j. onde	['õdʒɪ]	/'õN dɛ/

Vogais Nasalizadas

Ortografia	Fonética	Fonêmica
a. cama	['kamɐ]	/'kam a/
b. sanar	[sã'nar]	/'sã'na R/
c. banho	['banv]	/'bã n o/
d. camada	['kamadɐ]	/'kã'ada/
e. panela	['panɛlɐ]	/'pã'nɛ l a/
f. cena	['sɛnɐ]	/'sɛn a/
g. remo	['hɛmv]	/'hɛ m o/
h. fome	['fomɪ]	/'fɔ mɛ/
i. sonata	[sɔnatɐ]	/'sɔ'nat a/
j. sonho	['sɔnv]	/'sɔ n o/

Concluindo a discussão sobre as vogais nasais do português, vejamos a representação fonêmica dos ditongos nasais. Por coerência com a interpretação dada às vogais nasais – como vogal oral seguida de arquifonema nasal /VN/ – assumimos que os ditongos nasais são representados por uma vogal oral seguida de arquifonema nasal. O arquifonema pode ocorrer em posição final de sílaba (e palavra) e temos uma representação fonêmica como /'laN/ para [lã] “lã”. O arquifonema pode ocorrer também entre vogais como por exemplo em /'maNo/ – [mãũ] “mão”. Note que quando o arquifonema nasal ocorre em posição final de sílaba (e palavra) a vogal que o precede pode ser qualquer uma das vogais /i,e,a,o,u/: /'siN/ “sim”; /'bɛN/ “bem”; /'laN/ “lã”; /'boN/ “bom” e /'RuN/ “rum”. Contudo, quando o arquifonema ocorre entre vogais, a vogal que precede o arquifonema /N/ pode ser /a,o/ e a vogal que segue o arquifonema pode ser /a,o,e/: /'boNa/ “boa”; /'RmaNo/ “irmão”; /'le'oNe/ “leão” e /'paNe/ “pão”. A interpretação fonêmica dos ditongos nasais é bastante complexa pois depende da análise das vogais nasais e também da morfologia das formas que apresentam ditongos nasais. Muitas vezes postula-se a representação fonêmica de formas que apresentam ditongos nasais a partir de informação proveniente do componente morfológico. Por exemplo, assume-se representações como /le'oNe/ “leão” e /paNe/ “pão” com o arquifonema nasal intervocálico porque em formas derivadas como “leonino, panificadora” ocorre uma consoante nasal intervocálica (que indicamos em **negrito**). Assu-

me-se que o desaparecimento do arquifonema – em /aNo/, /oNe/ e /aNe/ – causa a nasalização da vogal do ditongo que ocorre como [ãũ]. No caso das formas em “ão” – que podem terminar em /aNo/, /oNe/ ou /aNe/ – temos a alternância dos ditongos nasais nas formas plurais: [ãũs], [õĩs] ou [ãĩs] (cf. “capitão”, por exemplo). Note contudo que nas formas terminadas em /oNa/ o arquifonema não causa a nasalização da vogal precedente (cf. /boNa/ [ˈboʊə] ~ [ˈboə] “boa”).

A interpretação dos ditongos nasais do português tem sido foco freqüente de atenção na literatura [cf. por exemplo Lacerda & Head (1966); Mattoso Câmara (1970); Mateus (1975); Callou & Leite (1990)]. Remetemos o leitor à bibliografia pertinente uma vez que uma discussão detalhada da representação fonêmica dos ditongos nasais nos desviaria do tópico em consideração no momento: o sistema vocálico do português. Concluimos aqui a interpretação fonêmica das vogais nasais em português que certamente é um tópico bastante polêmico. Tratamos a seguir de outro tópico controverso: a interpretação de glides no português.

5. Glides

Uma outra discussão controversa na análise da cadeia sonora do português é a interpretação dos glides posvocálicos (cf. “gaita, pau”). Na discussão fonética sobre os ditongos, vimos que os glides correspondem a vogais assilábicas e fazem parte de um contínuo em que há mudança de qualidade vocálica. Os glides em português são transcritos foneticamente como [ɹ] e [ɥ]. Observe contudo que do ponto de vista fonêmico também podemos transcrever os glides como [y] e [w]. Esta proposta sugere que os glides comportam-se de maneira análoga aos segmentos consonantais na estrutura silábica. Mattoso Câmara (1953) argumenta que os glides em português devem ser interpretados como fonemas consonantais independentes: /y,w/. Esta abordagem baseia-se na interpretação dos glides na estrutura silábica. Ao analisarmos os glides como consoantes podemos associar uma forma como “pau” à representação fonêmica /'paw/ em que temos uma sílaba travada do tipo CVC. Sabemos que sílabas travadas ocorrem em português (cf. “mês, amor, sol, sim”) e tal proposta incorpora os glides aos segmentos possíveis de ocuparem a posição posvocálica em sílabas travadas em português. Em outras palavras, analisando glides como segmentos consonantais podemos interpretar a estrutura silábica de formas como “pasta” e “pausa” por um lado e “paz” e “pau” por outro lado de forma análoga: todas estas formas apresentam uma sílaba travada por um segmento consonantal posvocálico. Em “pasta” e “paz”, a sílaba é travada pelo arquifonema /S/. Em “pausa” e “pau” a sílaba é travada pelo segmento consonantal /w/. O argumento básico para adotar-se esta posição é o de que teremos um sistema fonotático (que representa a estrutura das sílabas) mais simples, em que o padrão silábico (C)VC expressa a interpretação de glides e dos demais segmentos posvocálicos em português. Note que de acordo com esta proposta devemos acrescentar os fonemas consonantais /y,w/ aos dezenove fonemas consonantais do português. Teremos então 21 fonemas consonantais.

Uma proposta alternativa é a de que os glides sejam analisados como segmentos vocálicos e devem ser interpretados como vogais na estrutura silábica. Desta maneira uma forma como “pau” teria a representação fonêmica /'pau/ com uma estrutura silábica CVV. Note que neste caso além do padrão CVC teremos que incorporar um padrão silábico do tipo CVV à estrutura silábica do português. De acordo com esta proposta teremos um sistema fonotático mais complexo (adicionalmente com sílabas CVV). Contudo, manteremos os dezenove fonemas consonantais do português (sendo que os glides são tratados como vogais).

Comparemos então estas duas propostas de interpretação de glides em português. A primeira proposta trata os glides como segmentos consonantais sendo parte posvocálica da sílaba travada CVC. Nesta abordagem devemos incluir os fonemas /y,w/ aos demais dezenove fonemas consonantais do português. Portanto, embora tenhamos um sistema fonotático mais simples (que exclui sílabas CVV), temos um sistema fonêmico mais complexo (que inclui os fonemas /y,w/). A segunda proposta assume o padrão silábico CVV para interpretarmos os glides. Excluimos os fonemas /y,w/ do inventário fonêmico mas temos um sistema fonotático mais complexo (que inclui sílabas CVV). Neste estágio da análise do português, a escolha entre as duas propostas parecia ser sem motivação ou fundamento. A primeira opção seria complicar o inventário fonêmico (acrescentando os fonemas /y,w/) e simplificar o inventário fonotático (excluindo o padrão silábico CVV). A outra opção seria complicar o inventário fonotático (acrescentando o padrão silábico CVV) e simplificar o inventário fonêmico (excluindo os fonemas /y,w/). Mattoso Câmara (1953) adota a primeira opção e interpreta os glides como segmentos consonantais representados pelos fonemas /y,w/. Ainda de acordo com esta opção, o glide é interpretado como uma consoante posvocálica em sílabas do tipo CVC: “pai” e “pau” demonstrariam este padrão silábico.

Em (1970), Mattoso Câmara revê a proposta assumida em 1953 e demonstra que os glides em português devem ser analisados como segmentos vocálicos. Esta análise apresenta um sistema fonotático mais complexo (que inclui o padrão CVV) e interpreta os glides como segmentos vocálicos (não havendo necessidade de assumir-se os fonemas /y,w/). O argumento central que apóia a análise de glides como vogais baseia-se na distribuição dos “r,s” em português. O autor argumenta que quando sílabas do tipo CVC são seguidas por outra sílaba que se inicia com a consoante “r” teremos aí o “R forte”: /iSRa'ɛl/ “Israel” e não */iSRa'ɛl/ ou /ʒeNRo/ e não */ʒeNro/ “genro”. Se os glides comportam-se como consoantes posvocálicas em sílabas travadas do tipo CVC, espera-se que o “r” que segue o glide seja o “R forte”. Isto porque o “R forte” segue consoantes em sílabas travadas (cf. “Israel, genro”).

Contudo, exemplos como “beira” ou “europa” mostram que é o “r fraco” (e não o “R forte”) que segue o glide. Uma vez que o “r fraco” ocorre entre vogais (cf. “pera”) e entre glide e vogal (cf. “beira”), o autor sustenta a análise segundo a qual os glides são interpretados como segmentos vocálicos. Contra exemplos a esta análise são as palavras “bairro” e suas formas derivadas (cf. “bairrista”). Contudo, nos demais casos em que o “r” segue o glide posvocálico temos o “r fraco”: “pairar, amoreira, instaura, pleura, touro, etc.”.

quebra?

Adotamos a proposta de Mattoso Câmara (1970). Portanto o sistema fonotático do português é: $C_1C_2VVC_3C_4$. Glides correspondem a um segmento opcional V e podem seguir a vogal (cf. “gaita”) ou podem preceder a vogal (cf. “nacional”). Do ponto de vista da representação segmental, os glides correspondem às vogais altas /i,u/ em posição átona, que se manifestam foneticamente como segmentos assilábicos [ɪ,ʊ]. Os glides são sempre associados a uma vogal e nunca podem ser núcleo de sílaba (e conseqüentemente um glide não pode receber acento).

6. Conclusão

Vimos acima que a estrutura silábica do português é: $C_1C_2VVC_3C_4$. Pelo menos uma vogal deve ocorrer em uma sílaba bem formada do português. Se duas vogais ocorrem, uma será assilábica (glide). O glide pode preceder ou seguir a outra vogal. Temos sílabas com uma ou duas consoantes prevocálicas. Caso duas consoantes prevocálicas ocorram, a segunda deve obrigatoriamente ser uma líquida: /l,r/. As restrições segmentais em sílabas prevocálicas são listadas em (6) e (8). Analisamos as consoantes posvocálicas discutindo os arquivonemas /S/ e /N/. Consideramos também os segmentos /R/ e /l/ que podem ocorrer em posição posvocálica. Caso ocorram duas consoantes posvocálicas, a última delas será obrigatoriamente /S/. Consideramos finalmente a representação fonêmica dos glides em português. A análise mais adequada interpreta os glides como segmentos vocálicos que podem seguir ou preceder uma outra vogal. Concluimos assim a descrição do sistema fonotático do português. Na seção seguinte determinamos os fonemas vocálicos do português e discutimos a alofonia vocálica.

O SISTEMA VOCÁLICO ORAL

1. Fonemas vocálicos

O sistema vocálico do português deve ser analisado em relação ao sistema acentual. Temos em português vogais tônicas (ou acentuadas) e vogais pretônicas e postônicas (ou átonas). Apresentamos em (1) o quadro fonético das vogais orais do português. Pode haver diferença entre este quadro e o quadro de vogais que você preencheu na tabela fonética destacável. Isto deve-se a variação dialetal ou idioletal. O quadro abaixo tem por objetivo listar o inventário fonético mais abrangente possível. As diferenças que possam ocorrer não alteram a análise a ser apresentada.